CLARAS FIGURAS DO PASSADO

Guarino Alves

Genealogia e história da família Furtado de Mendonça e Meneses

Capítulo 1

ARCO DA ALIANÇA

Meus trisavós maternos e a sua descendência

Doze anos são passados desde o meu primeiro intento de escrever um estudo mais ou menos vigoroso sobre o português Antônio Furtado de Mendonça e Meneses e a sua descendência. Mencionou-o em seu artigo **Genealogia & Prosápia**, Ayres de Montalbo, pseudônimo do Pe. Aloísio Furtado, cronista e poeta cearense.

Consoante alguns escritores europeus, o exótico **Furtado** originou-se de um episódio interessante: dona Urraca, filha de D. Fernando, Rei de Espanha, raptara uma criança de nome Fernández Perez de Lara, cujo pai se chamava D. Pedro González de Lara; e assim, por o ter por furto, surgiu o discutido **Furtado.**

Uma filha do raptado Fernández **Hurtado** Pérez de Lara, dona Leonor Hurtado, casou com Diego Lopez de Mendoza originando a família HURTADO-MENDOZA, da qual um Fernando Hurtado transferindo-se para Portugal com dona Brites, que contraiu núpcias com o rei Afonso III, deu princípio aos FURTADO DE MENDONÇA portugueses, os quais por seu turno se uniram aos MENESES e terminaram formando um só brasão: chanfrado de verde, dividido diagonalmente por uma banda de vermelho, tendo nas franjas de ouro dois

S de negro, e por timbre uma asa de águia, dourada, com um **S** de negro.

Crônicas da Espanha e de Portugal registam grandes vultos dessas famílias. Por exemplo: Diego Hurtado de Mendoza, nascido em Granada no ano de 1503, Diplomata e Capitão de Carlos I, e autor do livro: **La historia de la guerra contra los moriscos de Granada;** André Hurtado de Mendoza, conquistador do Chile, 2.º Marquês de Cañete e 8.º Vice-Rei do Perú; Heitor Furtado de Mendonça, Licenciado, Visitador do Santo Ofício no Brasil em 1591; D. Duarte de Meneses, Conde de Tarouca; D. Henrique de Meneses, Senhor de Louriçal; e Pedro César de Meneses, Governador de Angola. A decadência da figalguia portuguesa, em termo de economia privada, declínio paulatino, foi conseqüência indireta da derrota de D. Sebastião na batalha de **Al Kasr al-Kebir** ou Alcazar Quivir, em 1580. Fidalgos de sangue, ou apenas de título, trocaram a boa vida sedentária pela aventura nos hemisférios americanos com o intuito de recuperar fortunas e prestígio perdidos.

2. Comenta-se que o nosso protagonista **Antônio Furtado de Mendonça e Meneses** chegou ao Ceará no último período do século XVIII como integrante da comitiva de um Ouvidor para exercer o cargo de Escrivão em Riacho do Sangue, hoje município de Jaguaretama, onde ele próprio teria requerido e obtido uma sesmaria. Admite-se, ainda, que a princípio como escrivão renunciou ao posto, **por não querer participar de um processo iníquo.** 1 Conseguintemente, só depois disso devia ter se mudado para Riacho do Sangue, casando, ali, com uma filha do Capitão José Rodrigues da Silva, de nome **Isabel**, quiçá, em 1815. 2

O caso da Ouvidoria carece de fundamente documental. Entretanto é tradição familiar nunca desmentida por ninguém. Quanto à terra adquerida não encontrei nos livros oficiais qualquer vestígio. Sei apenas que Antônio Furtado casou-se na fazenda Almas, antiga propriedade de seu sogro. 3

José Rodrigues da Silva, o sogro, dono de terras chamadas Riacho da Porta e Lagoa do Mato, sesmaria obtida em 14 de fevereiro de 1789 por ordem do Capitão-mor João Batista de Azevedo Coutinho de Montaury, 4 filho de Manuel Soares da Silva e Luduvina Ferreira Cavalcante de Albuquerque, aliás, tia do Visconde de Suaçúna, era viúvo de Maria Inácia valcante Albuquerque.

3. De José Rodrigues e sua mulher Inácia houve quatro filhos: Fabiana, Clara Isabel, Viscôncia e Isabel. Casadas, motivaram o entrelaçamento de sua família com os **Bezerra de Meneses**, os **Queirozes**, os **Ponte** e os **Furtado de Mendonça e Meneses:**

a) Fabiana de Jesus Maria Cavalcante de Albuquerque, nascida em 29.9.1791, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riacho do Sangue, falecida em 5.8.1882, em Fortaleza. Era casada com Antônio Bezerra de Meneses, filho do Cel. Antônio Bezerra de Sousa e Ana da Costa. Do matrimônio houve os filhos: dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, casado com Maria Teresa de Albuquerque Lima, filha de Manuel Alexandre de Albuquerque Lima e Maria de Nazareth Bezerra; dr. Teófilo Rufino Bezerra de Meneses, casado com Maria Leopoldina de Albuquerque Lima, irmã da citada Teresa; Capitão José Joaquim Bezerra, casado com Ana Carlota Bezerra, filha do Cel. Joaquim da Cunha Pereira; Maria de Sousa Bezerra de Meneses, casada com o desembargador Francisco de Assis de Meneses; dr. Adolfo Bezerra de Meneses, casado no Rio de Janeiro com Maria de Lacerda, sobrinha do Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda; Rufina Cavalcante Bezerra, faleceu inupta; Maria Inácia Cavalcante Bezerra, faleceu inupta.

b) Clara Isabel, da qual se ignora a data de nascimento, casou com Bento Ponte, conforme me disse Maria Cândida Furtado, do Ceará-Mirim, já falecida. Entretanto não estou bem certo se ela pronunciou "ponte", ou "Pontes". Na primeira hipótese, Bento descenderia dos **Ferreira da Ponte** de Sobral; na derradeira, de descendentes do Cel. Gregório Alves Pontes e Teresa Maria de Jesus de S. Silvestre. Todavia, quero acreditar que o marido de Clara Isabel se chamava Bento **da Ponte.** Ignoro os nomes dos filhos.

c) Viscôncia, casada com o Tenente-Coronel Miguel José de Queiroz Lima. Houve filhos, mas apenas sei de um José Faustino de Queiroz, casado com Teresa de Jesus Maria. Assinale-se que os coronéis Miguel José e Antônio Bezerra de Sousa chegaram a assinar em Fortaleza, no dia 27 de agosto de 1824, a célebre Ata da proclamação da República do Equador, ou melhor dizendo, **Confederação das Províncias Unidas do Equador.**

d) Isabel, cuja data de nascimento se ignora, casou com Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, acerca do

qual passarei a me reportar em seguida. São estes os meus trisavós maternos.

4. Verificou-se o casamento de Antônio Furtado na fazenda Almas, em Riacho do Sangue, com as bênçãos do Vigário Joaquim Lopes de Lima Raimundez, conforme a certidão que se segue:

Aos dezoito do mes de novembro do ano de mil oitocentos e catorze na fazenda ALMAS da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riacho do Sangue. Feitas as denunciações na forma de direito sem resultar impedimento.

Em minha presença se casou em face da Igreja solenemente por palavra de presente Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, solteiro, natural e morador da Freguesia da Santa Sé do Bispado de Funchal da Ilha da Madeira, filho legítimo do falecido José Furtado de Mendonça com Maria de Meneses, com Isabel Ferreira Cavalcante, solteira natural e moradora nesta Freguesia do Riacho do Sangue, filha legítima do Capitão José Rodrigues da Silva e da falecida Maria Inácia Cavalcante, tendo presentes por testemunhas o Coronel Antônio Bezerra de Sousa e o Capitão Miguel José de Queiroz, casados, aquele morador na Freguesia do Quixeramobim, êste nesta do Riacho do Sangue, e logo lhes dei as Benções conforme aos Ritos da Santa Igreja.

E para constar mandei fazer êste assento. Por verdade assinei.

O Vigário
Joaquim López de Lima Raimundez

5. A vida inquieta de Antônio Furtado não pode ser objeto de profunda análise. O tempo extingüiu quase por completo a tradição oral. Entretanto, sabemo-la fecunda e incansável no labor do campo. Para quem nascera e, talvez, se criara em uma ilha superpovoada, reducente a produção de cereais, café, gado, vinho e pescados, para quem saíra com interesse de conquistar no outro lado do Atlântico mais largos horizontes, a meta única e segura só podia ser a da vitória sobre os mais sérios obstáculos.

Com efeito, encontramo-lo no Riacho do Sangue, em Baturité, em terras norte-rio-grandenses de Santa Cruz, de São Gonçalo do Amarante e do Ceará-Mirim, levantando fazendas e engenho de açúcar.

Do consórcio com Isabel nasceram, supõe-se, treze filhos, dos quais sobreviveram onze: Hermenegildo, José, Vasco Rogério, Ana Angélica, Luduvina, Job, Cândida Isabel, Maria Inácia, Ivo Abdias, Antônio e Elpídio. 5

Com exceção de Elpídio, natural de Baturité, conforme ele próprio o dissera a seus filhos nascidos no Rio Grande do Norte, os demais nasceram em Riacho do Sangue. Enfim: José, Ivo, Elpídio e as irmãs passaram ao Rio Grande do Norte com seus pais, e Hermenegildo e Vasco ficaram no Riacho, sendo que mais tarde ambos se transferiram para o Quixeramobim, e Antônio, por sua vez, passou a morar em Baturité.

6. Não consegui descobrir dados sobre a pessoa da genitora do islenho, **Maria de Meneses**. Viúva, teria ela acompanhado o filho na viagem transatlântica? Há notícia de uma **Maria Liberalina de Meneses** e de uma **Mônica Liberalina Furtado de Meneses**, provavelmente, irmãs de Antônio Furtado. O nome da primeira aparece em documento: no dia 31 de outubro de 1902, Job Furtado vendeu duas partes de terras, no Riacho do Sangue, à sua sobrinha Ursulina Furtado, dizendo ele que uma delas era herança de seus pais, e a outra pertencera à finada **irmã Maria Liberalina de Meneses**. Nesse caso, como admito, irmã do islenho. 6 Liberalina teria falecido inupta. Por outro lado, Mônica casou com Antônio Pacífico de Queiroz, filho de José de Queiroz, de Santa Cruz, em 26 de novembro de 1859. O nome de Mônica também aparece em documento de Job Furtado. Este vendeu ao mano Antônio, de Baturité, umas terras herdadas de Hermenegildo e de Mônica, no Riacho do Sangue. 7 Há mais. Mônica assinou com Matias Marinho de Carvalho, Job, Elpídio, Luduvina, Maria Inácia, Ivo Abdias e Ana Angélica no Cartório do Ceará-Mirim, em 18 de setembro de 1859, uma Procuração nomeando bastantes procuradores no Ceará a Hermenegildo e Antônio Furtado. 8 Em suma, Mônica faleceu de parto em 23 de janeiro de 1861 no engenho União, em Ceará-Mirim.

Vejamos agora os filhos do islenho, começando pelos que ficaram no Ceará: Hermenegildo, Antônio e Vasco Rogério, homens do campo, comerciantes, militares e, sobretudo, fiéis à religião dos antepassados.

7. **Hermenegildo Furtado de Mendonça e Meneses.** Nasceu em 3 de dezembro de 1815. Na intimidade, **Gildo** Furtado. Estudava em Pernambuco, fazendo preparatórios para ingressar na Academia de Direito quando foi chamado pelos pais. Estes, de combinação com os "compadres" Major Bezer-

ra e Ana desejavam vê-lo casado com Teresa, filha de Ana. Abandonados os estudos veio o casamento objetivando garantir o futuro da jovem, afinal realizado na fazenda Santa Bárbara, do Riacho do Sangue, em 21 de setembro de 1840.

Agropecuarista conceituado, Hermenegildo deixou brilhante folha de serviço público: Juiz Municipal e dos Órfãos por nomeação de 25 de julho de 1839; Comissário de Revisão dos Açudes por nomeação de 9 de abril de 1844; Delegado da Polícia desde 1844 até 8 de abril de 1845; Capitão da 4.ª Cia da 1.ª Legião da Guarda Nacional por nomeação de 22 de abril de 1848; transferido de Riacho do Sangue para a Legião de S. João do Príncipe, hoje Crateús; Tenente-Coronel Comandante do Batalhão n.º 14 de Quixeramobim; reformado por motivo político em 4 de abril de 1868, no governo de Pedro Leão Veloso, tendo por substituto no comando um seu adversário, Capitão Raimundo de Mendonça Caminha; Coronel-Comandante de Quixeramobim, Jaguaribe-Mirim e Boa Viagem por Ato de 5 de dezembro de 1838. (Anexo 1)

Hermenegildo faleceu repentinamente a 2 de agosto de 1873 sem deixar descendência. Consta, porém, no testamento da viúva, passado em Baturité a 26 de setembro de 1883, (Anexo 2), que foram criadas desde o berço duas sobrinhas: Maria filha legítima de Vasco Rogério, e Teresa Cândida Saraiva Leão, mais conhecida por Teté, filha do dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, marido de Maria Alexandrina Bezerra. Além destas sobrinhas, houve uma Maria Rosa de Lima, de pais ignorados, adotada como filha.

Como Hermenegildo não fez disposição testamentária foi julgado o inventário em Quixeramobim a 15 de novembro de 1874, pelo dr. Pedro de Albuquerque Autran, Juiz de Direito da Comarca. (Anexo 3)

Visitei, no dia 2 de dezembro de 1979, com o escritor Fernando Câmara, consócio do Instituto do Ceará, bisneto do dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, o túmulo do Cel. Hermenegildo em Quixeramobim. Trata-se de quadrilátero de alvenaria, reforma feita ultimamente por Woodrown Benício, bisneto do Cap. Vasco Furtado e do Dr. Antonio Benício. A lápide de mármore, mais de um metro de altura, com um palmo de espessura, pesando quase duzentos quilos, foi mudada de seu lugar primitivo. Nela está escrito com letras pretas:

AQUI JAZEM N'ESTA SEPULTURA
OS RESTOS MORTEES
DE DOUS IRMÃOS:

O CORONEL

HERMENEGILDO FURTADO
DE MENDONÇA MENEZES,
NASCIDO A 3 DE DEZEMBRO DE 1815
E FALECIDO A 2 DE AGOSTO DE 1873,

E O CAPITÃO

VASCO ROGERIO FURTADO
DE MENDONÇA MENEZES,
NASCIDO A 13 DE JULHO DE 1820
E FALECIDO A 18 DE MAIO DE 1868.
TRIBUTO DE AMIZADE
E PROFUNDAS SAUDADES
DA MULHER DO PRIMEIRO
E CUNHADA DO SEGUNDO.
REQUIESCANT EN PACE.

8. **Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Meneses,** agropecuarista e Capitão da Guarda Nacional. Casou com Henriqueta Angélica do Patrocínio Bezerra, irmã da mulher de Hermenegildo. Faleceu em Quixeramobim, deixando os seguintes filhos:

a) José, **Júca**, nascido em 12 de julho de 1860. Era casado com Ana Stella de Andrade, **Aninha**. Houve um filho único, Manuel Antônio de Andrade Furtado, nascido em Quixeramobim a 28 de janeiro de 1890, falecido em Fortaleza no ano de 1968; mais conhecido com **Dr. Andrade Furtado**, foi jurista, poeta **leader** católico, diretor do jornal O Nordeste, Secretário do Interior no governo do dr. Meneses Pimentel e também sócio efetivo do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Publicou os seguintes livros: **Liberdade Econômica e Instrução Pública**, 1917; **O Nacionalismo** e a **Imprensa**, 1918; **A Solução do magno probema do Ceará**, 1925; **A Catedral, 1942; Quixeramobim e sua vida religiosa**, 1955; e **Esboços e Perfis**, 1957. Dr. Andrade era casado em primeiras núpcias com a prima Maria Alexandrina Castelo Branco, e em segundas com Maria Dilara Bezerra Furtado. O pai, **Júca**, publicara um livro de poesias, **Flores do Coração**, impresso na Tipografia Minerva, de Francisco de Assis Bezerra de Meneses.

b) Antônio, nascido em Quixeramobim a 14 de junho de 1867. Casado com a prima Matilde Alice, filha do dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco e Maria Alexandrina. São seus filhos: José Bezerra Furtado, Vasco Furtado e Antônio Furtado Bezerra de Meneses. Este Vasco, citado, é homem inteligente e benquisto em Baturité.

c) Maria Abigail, **Neném**, casada com Antônio Benício Castelo Branco Filho, **Totonho**, nascido em Baturité e fazendeiro na de Milagres.

d) Maria do Patrocínio Bezerra, nascida em Quixeramobim a 26 de março de 1866, falecida em Baturité a 19 de julho de 1906. Diz o Barão de Studart em seu **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**, vol. 2, 1913, p. 368: "Aos 14 anos, estando restabelecida de gravíssima moléstia de olhos, que a trouxe encerrada num quarto por cinco anos, D. Maria do Patrocínio entrou para o Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, onde fez brilhante figura por seu talento e aplicação." Ela escreveu dois livros de poesias: **O meu Álbum** e **Tristezas à margem do Aracoyaba.**

9. **Antônio Furtado de Mendonça e Meneses.** Nasceu a 2 de janeiro de 1833. Agropecuarista e comerciante, Capitão da Guarda Nacional. Na intimidade, **Capitão Furtadinho.** Casou em 1858 com a prima Maria Ursulina Bezerra, filha do dr. Manuel Soares da Silva Bezerra e Maria Teresa de Albuquerque Lima, nascida na fazenda Riacho das Pedras, em riacho do Sangue, a 21 de outubro de 1839. Do consórcio nasceram:

a) Antônio e Isabel Cristina, que morreram ainda crianças, vítimas do cólera-morbo; b) José Soares Furtado, **Zezinho**, nascido a 22 de março de 1862, falecido em 12 de junho de 1818, casado com Marcelina Araújo Furtado; c) Maria Cristina, **Yayá**, nascida em 20 de fevereiro de 1863, faleceu inupta em 6 de março de 1918; d) Antônio Soares, **Furtadinho**, nascido a 17 de abril de 1864, falecido em 20 de junho de 1923, inupto; e) Isabel Cristina, **Bilóca**, nascida a 19 de agosto de 1866, falecida inupta em 16 de maio de 1931; f) Manoel Soares, **Soarinho**, nascido a 30 de agosto de 1867, falecido em 25 de junho de 1957, casado com Rocilda Bezerra Furtado; g) Hermenegildo, nascido a 15 de outubro de 1868, falecido em 18 de setembro de 1953, casado com Maria Auta Saraiva Furtado; h) Maria Teresa, nascida a 9 de setembro de 1871, falecida em 9 de novembro de 1960, inupta; i) Vasco, nascido em 23 de fevereiro de 1874, falecido em 20 de mar-

ço de 1957, casado com Alexandrina Cordeiro Furtado; j) Luís de Gonzaga Furtado, nascido em 10 de setembro de 1875, falecido em 27 de maio de 1954, casado com Maria Adelina de Arruda Furtado; k) Maria Ursulina, nascida em 3 de julho de 1880, falecida inupta em 4 de janeiro de 1964.

Cumpre observar que o Luís de Gonzaga Furtado, antigo comerciante em Baaturité, violoncelista da Orquestra do Maestro Luís Maria Smido e também Alferes da 4.ª Cia. do 8.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional por carta patente de 3 de junho de 1899, era pai do dr. Francisco de Assis Arruda Furtado, meu primo, advogado, ex-deputado estadual, ex-consultor Geral do Estado, professor universitário, Diretor Geral do Tribunal Regional do Trabalho da 7.ª Região e sócio do Instituto do Ceará, autor do livro **Emigração para o Acre**. É casado com d. Antônia Walburga Araújo de Arruda Furtado, com filhos.

O Capitão **Furtadinho** manteve em Baturité uma firma exportadora denominada Furtado & Irmãos. Contou-me Luís Cid, norte-rio-grandense, bisneto do islenho Antônio Furtado, que o Capitão remetia café para os irmãos do Ceará-Mirim, recebendo em troca o precioso açúcar do engenho União fundado pelo pai. Falecido o sócio, não sei se Hermenegildo ou Vasco Rogério, a firma passou a se chamar Furtado & Filho. Morto Antônio a 7 de outubro de 1917, (ele também exercera em Baturité o posto de suplente de Juiz Municipal e dos Órfãos) ficou dirigindo-a o Sr. Hermenegildo, **Gildinho**, depois substituído pelo neto Hermenegildo, **Hildo** Furtado, Prefeito de Baturité, falecido em desastre de automóvel no dia 31 de novembro de 1950. O que é fato é que a firma ficou com os herdeiros até o ano de 1953, quando foi extinta.

Conheci em 1963 o velho casarão comercial plantado de esquina sobre uma calçada muito alta, marco histórico de uma vida de mil batalhas. Antônio Furtado tem breve biografia no livro **Se o Grão não Morre**, do Pe. Aloísio Furtado, **S.J.**, sócio correspondente do Instituto do Ceará. Nele se descreve o sítio Jordão, em Baturité, comprado por Antônio em 1874, encantadora paisagem de muitas fruteiras e canaviais. Hoje pertence a estranhos.

---

1. FURTADO, Arruda. **Luiz de Gonzaga Furtado** (Notas Biográficas). Fortaleza, 1975.

2. FURTADO, Arruda. Op. cit.

3. FURTADO, Arruda. **A Família Furtado de Mendonça e Meneses no Ceará e Baturité.** Artigo inserto no periódico A Verdade, de Baturité, em 1979. Diz o autor que a fazenda Almas foi adquirida por José Rodrigues antes de 21 de fevereiro de 1787: "parte aos seus tios João Rodrigues da Silva e Eugênia Dias da Silva, e parte de seu pai, Manoel Soares da Silva, em legítima por falecimento de sua mãe, Luduvina Ferreira da Silva, estes últimos meus tetravós" (Cf. **Livro das Datas de Sesmarias**, v. 8, p. 40, nº 616.)

4. FURTADO, Arruda. **Luiz de Gonzaga**, etc.

5. A suposição de **treze** filho, e não de apenas **onze** como consta no Título de Herdeiros, do Cel. Hermenegildo, parece-me bem fundamentada diante do que me contou Inácio Magalhães de Sena, bisneto de Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses, do Rio Grande do Norte: o Bispo de Limoeiro, Ceará, D. Pompeu Bessa, em carta que lhe dirigira informava que no livro nº 2, f. 101, da Freguesia de Riacho do Sangue, assinala-se um Job Furtado nascido em 1825, e também um Antônio Furtado nascido em 6 de fevereiro de 1828. Ora estas datas conflitam frontalmente com as de Job e Antônio do Título de Herdeiros, respectivamente: 3.9.1826 e 2.1.1833. Cumpre ressaltar, aqui, o valor das pesquisas feitas por Inácio Magalhães de Sena, em livros eclesiásticos do Ceará e do Rio Grande do Norte. Inácio exumou a certidão de casamento do português Antônio Furtado, da qual fizemos transcrições, eu e Arruda Furtado.

6. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.

7. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.

8. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.

Capítulo 2

FILIGRAMA

Meus bisavós maternos e seus irmãos de Santa Cruz e Ceará-Mirim

A data da transferência do islenho Antônio Furtado de Mendonça e Meneses para o Rio Grande do Norte não está esclarecida. Provavelmente, isso ocorreu depois do casamento de Hermenegildo em 1840. Acredito, entretanto, que ele possuía já propriedades nessa província. Talvez assim se possa explicar o seu interesse em casar o filho, entregando-lhe a direção dos negócios em Riacho do Sangue. Observe-se, ainda, que o outro filho **José** casou, no Rio Grande, em 1842. Na sua certidão consta que os pais eram moradores em Santa Rita. Demais, a 18 de setembro de 1858 o islenho fez declaração de bens no Cartório da Vila do Ceará-Mirim, dizendo ser ele proprietário de terras em Santa Cruz (Santa Rita), em São Gonçalo do Amarante, e do engenho União no vale cearamirinense onde morava com sua família.[1]

2. **Job Furtado de Mendonça e Meneses.** Nasceu a 3 de setembro de 1826. Agropecuarista e Capitão da Guarda Nacional. Morava em Santa Cruz e possuía uma fazenda ali, de nome Quixaba.

Casou com Maria Inácia, cuja ascendência ignoro, falecida em 23 de março de 1878 no engenho União, em Ceará-Mirim, com idade de cinqüenta e um anos. Seu corpo foi encomendado pelo Pe. Amaro Tehot Castro Brasil, Capelão do Exército Imperial, de licença do Vigário José Alexandre de Melo, e depois sepultado no Cemitério Público de Santa Águeda. Ela teria falecido em conseqüência de parto. Do consórcio nasceram vários filhos. Há notícia dos seguintes:

a) Auspício, casado com Francisca Alexandrina Ferreira da Silva em 4 de junho de 1880 no sítio Olho D'Água em Santa Cruz, filha legítima de (ilegível na certidão) Augusto da Silva e Alexandrina (ilegível) Ruy Barbosa Ferreira da Silva, já falecidos. Testemunharam: o Capitão Bento Gervásio Freire de Revoredo e Antônio de Sousa. Bênçãos do Pe. Antônio Rafael Gomes de Melo.

b) José, casado em Santa Cruz a 28 de janeiro de 1882 com Águeda Maria Avelina Bezerra, filha de José Joaquim de Moura.

c) Maria Inácia, casada com Antônio César de Andrade, Escrivão, filho dos portugueses Francisco José Fernandes e Carolina Bezerra, em 3 de junho de 1888.

d) Pedro Furtado.

O Capitão Job Furtado de Mendonça e Meneses faleceu em sua fazenda Quixaba aos 23 de junho de 1917. Viveu, ao que parece, arredado da política.

3. **Ivo Abdias Furtado de Mendonça e Meneses.** Nasceu a 15 de novembro de 1831. Agropecuarista. Tenente-Coronel da Guarda Nacional. Deputado. Talvez co-proprietário da fazenda Quixaba, e proprietário da fazenda Casa Nova em Santa Cruz.

Matrimoniou-se com Ana Angélica Senhorinha, filha de Antônio Pacífico de Queiroz e Adelina Teodolina de Queiroz, tendo ela falecido em 16 de outubro de 1864, de **parto com fluxo**, segundo o óbito, sem os sacramentos, com idade de trinta e dois anos. O corpo foi encomendado pelo Vigário Antônio Dias da Cunha e envolvido em hábito preto teve sepultamento no mesmo dia, no Cemitério da fazenda Quixaba.

Casou-se Ivo, depois, com Maria do Rosário Leopoldina de Queiroz, filha de José Faustino de Queiroz e Tereza de Jesus Maria, no dia 21 de novembro de 1866, na fazenda Casa Grande, após confessados e examinados em doutrina cristã. O casamento, **Just Tridentino**, foi feito pelo Pe. Manuel Joaquim da Silva Chacón, de licença do Vigário Antônio Rafael Gomes de Melo, em presença das testemunhas: **Capitam** Job Furtado de Mendonça e Antônio Pacífico de Queiroz. É impossível registar, aqui, o número de filhos oriundos dos dois matrimônios de Ivo Abdias. Houve um Aprígio, nascido aos 25 de julho de 1860, casado com uma filha de Antônio Pacífico de Queiroz, em 30 de outubro de 1899.

A acreditar na palavra verbal da falecida Maria Cândida Furtado, do Ceará-Mirim, Ivo Abdias teria deixado os seguintes filhos: Flávio, Ivo, Rodolfo, Lindolfo, Ursulina, Heráclito, Ana Merandolina, Maria, José, Antônio e Aprígio. De qualquer modo, somente o livro de batizados da Freguesia de Santa Cruz poderá aclarar tudo isso.

Os irmãos Ivo Abdias e Job Furtado têm seus nomes registados numa Ata da Câmara de São José de Mipibu, de 1875, como encarregados de uma Comissão destinada a angariar donativos para a construção da estátua eqüestre de D. Pedro I, o atual Monumento do Ipiranga do Rio de Janeiro.[2]

Ivo, a exemplo de Hermenegildo, teve inimigos políticos. Dentre eles, um missivista de Santa Cruz, que publicava artigos n'A República de Natal com o pseudônimo de **Caraolho.** Depreende-se de tais publicações muito mal escritas que o nosso Ivo era de fato estrábico e tinha fartos bigodes.[3] Um editorial de O Rio Grande do Norte, jornal fundado em Natal pelo dr. José Moreira Brandão Castelo Branco, de 20 de outubro de 1862, elogia-o, sublinhando: **todos sabem e conhecem neste Estado que ali** (Em Santa Cruz **a única influência prestigiosa é o nosso honrado e dedicado amigo Coronel Ivo Abdias de Mendonça e Meneses.**

Ivo foi deputado provincial em 1866. Tem retrato na galeria da Prefeitura de Santa Cruz. Alto, sisudo, teria, talvez, exercido outras funções públicas no seu município, onde veio a falecer, no dia 5 de maio de 1900.

4. **Elpídio Furtado de Mendonça e Meneses.** Nasceu aos 13 de março de 1836. Major da Guarda Nacional e político, morava, a princípio, no engenho União, em Ceará-Mirim. Casou em 1859 com a sobrinha Maria Vicência, natural de Santa Cruz, primogênita do 1.º matrimônio de José Furtado, irmão de Elpídio, nascida em 1843. Sei dos seguintes filhos:

a) Petrolina, nascida em 25 de março de 1860; b) Emília nascida em 2 de agosto de 1861; c) Hermenegildo, nascido a 18 de julho de 1862; d) Elpídio, nascido a 22 de junho de 1863; e) Maria, nascida em 2 de maio de 1867; f) Irineu e Anísio, nascidos em 14 de setembro de 1868.

A esposa de Elpídio faleceu no União, em 2 de fevereiro de 1879, com idade de trinta e seis anos. Seu corpo foi encomendado pelo Pe. José Alexandre Gomes de Melo e envolto em hábito preto teve sepultamento no Cemitério de Santa Águeda.

Casou Elpídio com a sobrinha Delfina Teodolina Furtado de Meneses. Ela teria falecido de parto no União sem deixar descendência.

Casou, ainda, com Isabel Nestorina de Oliveira Sucupira, de Natal, filha de José Belisário de Oliveira Sucupira e Vitória de Oliveira Sucupira, aos 19 de março de 1890 na povoação de Extremoz, com as bênçãos do Pe. Antônio de Oliveira Antunes, cearense, de licença do Vigário Frederico Augusto Raposo da Câmara, em Oratório privado. Testemunharam: dr. João Quintiliano da Silva e Inácio Ribeiro de Paiva.

Não tenho dados positivos sobre os filhos deste matrimônio. Contudo, posso registar:

a) José; b) Abigail; c) Gil; d) Cirineu, nascido em 20 de setembro de 1902; e) Amélia; f) Abel, este professor primário no Apodi, em 1912, e em Caicó em 1919.

O Major Elpídio presidiu a Câmara Municipal do Ceará-Mirim no período de 1867 a 1870. Neste último ano foi eleito Deputado provincial, sendo substituído na presidência da Câmara por Ladislau Hortêncio Cabral de Vasconcelos. Novamente na presidência, de 1873 a 1876. Deputado em 1886-88. Participou do Octonato Político que substituíra a Câmara depois de proclamada a República em 1889, tendo como companheiros o Cel Felismino do Rego Dantas Noronha, da Guarda Nacional, João Vitorino Ferreira Nobre, Manoel Teixeira da Fonseca e Silva, Pe. Antônio de Oliveira Antunes, Senhor do engenho **Imburanas**, dr. Manoel Ronaldsa de Castilho Brandão, dr. José Inácio Fernandes Barros e Francisco Xavier Sobral.

Existe uma declaração de Elpídio e Isabel Nestorina Vitória de 5 de fevereiro de 1906, pela qual se sabe que eram eles possuidores de uma parte de terra de criação em Riacho da Porta, no Ceará, havida por **herança de seu pai e sogro Antônio Furtado de Mendonça e Meneses**. Ela foi vendida ao sobrinho Hermenegildo pelo preço de 100.000$000, em moeda corrente, com quitação e transmissão dos bens, etc.[4]

Elpídio faleceu em Natal, no dia 21 de agosto de 1910, tendo **A República** publicado a seguinte notícia:

> "Após prolongados padecimentos, faleceu ôntem nesta Capital o nosso respeitável amigo Major Elpídio Furtado de Mendonça e Meneses, representante de ilustre família neste Estado e de antiga influência política

do Partido Conservador. Foi deputado à Assembléia Provincial, sendo sempre muito acatado pelos seus dotes de caráter.

À sua Exma. viúva D. Isabel Furtado de Mendonça e Meneses e seus filhos apresentamos nossos pêsames."

N'A **República** de 26 de agosto de 1910 foi publicada esta nota da família do morto:

"MAJOR ELPÍDIO FURTADO DE MENDONÇA E MENESES

Isabel Victória de Mendonça e seus filhos, profundamente sentidos pelo falecimento de seu sempre lembrado Esposo e Pai Major Elpídio Furtado de Mendonça e Meneses, ocorrido nesta Capital no dia 21 do corrente, vêm agradecer, no íntimo d'alma, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar os seus restos mortais até a última morada, solicitando mais uma vez o comparecimento de todas as pessoas, parentes e amigos na matriz desta Cidade, no dia 27 pelas 7 horas da manhã, para assistirem à missa que pelo seu eterno descanso mandam celebrar, hipotecando-lhes os seus agradecimentos.

Natal, 22.8.1910"

Ele está sepultado no Cemitério Público do Alecrim. Conheço pessoalmente a dois dos seus netos, meus primos legítimos: dr. Alvamar Furtado de Mendonça e Meneses, nascido em Natal a 13 de abril de 1915, filho de José Maria Furtado de Mendonça e Meneses e Joséfa Nísia de Castro Furtado de Mendonça. Alvamar, ex-deputado estadual, ex-Juiz do Trabalho, professor universitário, é membro efetivo da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O dr. Aluísio Furtado, irmão de Alvamar, é advogado, residente no Recife, onde manteve em circulação durante vários anos a revista literária **Cadernos de Cultura.**

5. **Maria Inácia do Coração de Jesus.** Nasceu em 4 de maio de 1830. Morava no engenho União, onde veio a falecer, inupta, com oitenta e cinco anos de idade. Em 1875 ela requerera ao Juiz Municipal e dos Órfãos de Quixeramobim uma certidão "de modo que faça fé o teor **verbo ad verbum** do quinhão hereditário, que cabe na partilha procedida neste juízo nos bens deixados por falecimento do Coronel Hermene-

gildo Furtado de Mendonça e Meneses." Coube-lhe de herança: 10:320$370, conforme o Auto de inventário e partilha e a certidão passada por José Façanha, de 30 de abril de 1875.[5]

6. **Ana Angélica Senhorinha Furtado de Meneses.** Nasceu em 30 de dezembro de 1822. Casou com Matias Marinho de Carvalho, natural do município de Papari, sem dúvida do mesmo grupo familiar dos **Marinhos de Carvalho** de S. José de Mipibu. Com efeito, houve em Mipibu um Antônio Marinho de Carvalho, Vereador em 1762, e um João Marinho de Carvalho, Vereador em 1882. Do consórcio houve os seguintes filhos: a Joaquina Angélica, (Anexo 3) natural do Ceará-Mirim, nascida em 18 de abril de 1878 e falecida em 1931. Era casada com o Capitão José Getúlio Teixeira de Moura, nascido em Macaíba a 5 de maio de 1849 e falecido a bordo do navio Brasil que procedia do sul, em 7 de janeiro de 1896, e foi sepultado em Salvador. José Getúlio era proprietário do engenho Valparaíso e da fazenda Cabaçus em Macaíba. Alferes da 1.ª Cia. dos Voluntários da Pátria em 1865. Tenente honorário do Exército em 1866. Capitão da Polícia em 1894. Deixou 17 filhos; b) Ana Angélica Senhorinha, casaria com o primo Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses; c) Raimunda Esmeralda, casaria com José Furtado de Mendonça e Meneses, irmão de Elpídio, meus bisavós.

7. **Luduvina Ferreira da Silva.** Nasceu a 9 de fevereiro de 1824. Casou com o cunhado Matias Marinho de Carvalho. Sei apenas destes filhos:

a) Francisco; b) Emílio, nascido em 3 de fevereiro de 1860; c) Matias, nascido a 25 de agosto de 1865; d) Vasco Marinho de Carvalho, nascido em 19 de agosto de 1868 e batizado na **Casa da Oração** da Vila do Ceará-Mirim, pelo Pe. Targino Paulino de Carvalho, sendo padrinhos Elpídio Furtado e Maria Inácia Furtado de Queiroz. O prenome **Vasco** deve ter sido homenagem a Vasco Rogério, de Quixeramobim, falecido em 18 de maio de 1868. Esse filho de Luduvina, Capitão da Guarda Nacional, casou em 23 de setembro de 1889 com Maria Ferreira de Mendonça, açuense, filha de Manuel Simeão de Moura Barreto e Jesuína Ferreira de Mendonça. Casou-os o Pe. Frederico A. Raposo da Câmara em presença das testemunhas Felismino Dantas Noronha e (ilegível na certidão) Oliveira Cabral. Ignoro se houve filhos. Casou, depois, com Maria Etelvina de Carvalho. Sei destes filhos: Severino, casado com Maria da Conceição Furtado Magalhães em 25 de julho de 1936, radicado no Estado de São

Paulo; Maria Nazareth, casada com Natálio Bella, filho de Nazzario Bella, natural de Lyon em França, e Judith Bella; Paulo, nascido a 28 de setembro de 1901.

É de observar que o velho **Matias** Marinho de Carvalho aparece como padrinho-de-vela de Antônio Furtado, irmão de Luduvina, na certidão de batismo: "ANTONIO. — Nascido aos dois de janeiro de mil oitocentos e trinta e três. Filho legítimo de Antônio Furtado de Mendonça e Meneses e Dona Isabel Ferreira Cavalcante, neto paterno de José Furtado de Mendonça e Maria Meneses e materno do Capitão José Rodrigues da Silva e Dona Maria Inácia, moradores nesta Freguesia, foi por mim batizado nesta Matriz aos dezessete de janeiro do mesmo ano. Foram padrinhos Matias Marinho de Carvalho morador na Freguesia de (ilegível) e o Capitão Antônio Bezerra de Meneses, casado, e Ana Zeferina Cavalcante de Meneses da (ilegível) moradores nesta Freguesia." Matias teria nascido por volta de 1819, pois o seu falecimento sucedeu em 17 de julho de 1891 no engenho União com a idade de oitenta e dois anos. Seu corpo envolto em hábito branco e encomendado pelo Vigário José Paulino Duarte da Silva foi sepultado no Cemitério de Santa Águeda. Agora uma pergunta: Matias, menor de idade, em Riacho do Sangue, fazendo o quê? Teria casado, ali, com Ana Angélica Senhorinha e regressado ao Rio Grande do Norte com os Furtado depois de 1840?

8. **Cândida Isabel Furtado de Meneses**. Nasceu em 27 de março de 1829. Casou-se com Raimundo Nonato de Queiroz. Não tenho informações completas sobre os filhos. Registem-se: a) Isabel, casada com o primo Antônio Marinho de Carvalho (vide anexo 3), falecida em 22 de julho de 1873, tendo deixado uma filha única, de dois anos de idade, Maria Teresa Cândida; b) Teresa Cândida, ao que parece casada com José Furtado de Mendonça e Meneses, Júnior, filho de José Furtado e, portanto, neto Islenho; c) Cândido Furtado de Queiroz, solteiro, que em 27 de agosto de 1875 requereu ao Juiz de Órfãos uma certidão dos bens deixados por morte do Cel. Hermenegildo.[6]

9. **José Furtado de Mendonça e Meneses**. Meu bisavô. A certidão de nascimento ainda não foi encontrada. Talvez nascido em 1819. Agropecuarista e Tenente-Coronel da Guarda Nacional. Casou, quando seus pais moravam em Santa Cruz, com Vicência Gomes da Silva,[7] conforme reza o Livro dos casamentos verificados entre 1836 a 1842:

Aos vinte e sete de maio do ano de mil oitocentos e quarenta e dois, nesta Freguesia de Nossa Senhora do Ó de Papari, em casa de morada de Dona Bibiana de Paiva Rocha em minha presença e das testemunhas Matias Marinho de Carvalho e José Faustino de Queiroz. Feitas as diligências de estilo, se receberam em matrimônio sem impedimento José Furtado de Mendonça e Meneses e Vicência Gomes da Silva. Ele, filho legítimo de Antônio Furtado de Mendonça e Meneses e Isabel Ferreira Cavalcante, moradores na Freguesia de Santa Rita. Ela, filha legítima de José Joaquim de Carvalho e de Bibiana de Paiva Carvalho e moradora na Estrada do Porto, nesta Freguesia e logo receberam as bênçãos, do que para constar mandei fazer êste assento em que me assino.

Pe. Gregório Ferreira de Lustosa.

São seus filhos:

a) Ana Angélica, nascida em Santa Cruz, em 1843. Casou com o tio Elpídio Furtado de Mendonça e Meneses.

b) Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses, Tenente-Coronel da Guarda Nacional e agricultor, nascido em Papari. Casou em Ceará-Mirim a 18 de janeiro de 1871 com a prima Ana Angélica Senhorinha de Carvalho. Conforme o registro, foram os nubentes dispensados do 2.º grau de consanguinidade. Casou-os o Pe. Antônio de Oliveira Antunes, tendo por testemunhas: Jerônimo Cabral Raposo da Câmara, **Dr. Loló**, Senhor do engenho Jaçaña, bacharel em Direito, Vice-Presidente da Província em exercício, e o Capitão José Getúlio Teixeira de Moura. Houve vários filhos varões.[8] Quanto às mulheres: Maria Amélia, nascida em 10 de outubro de 1877, casada aos 16 de setembro de 1896, no lugar Nascença, em Ceará-Mirim, com João Tertuliano Pelica de Magalhães, filho de João Tertuliano Ferreira Magalhães e Olívia Pelica do Amaral Magalhães, e nascido a 27 de outubro de 1873; Maria Elisa, nascida a 28 de maio de 1879, e falecida em 1957; Maria Cristina, nascida em 21 de fevereiro de 1885, casada com o Capitão José Getúlio Teixeira de Moura, Júnior, nascido em Macaíba a 1.º de abril de 1871, filho de José Getúlio Teixeira de Moura. Foi voluntário no governo de Floriano Peixoto e arrecadador do Posto Aduaneiro no Alto Purus. Sem descendência.

c) José Furtado de Mendonça e Meneses. Nascido em Santa Cruz em 15 de julho de 1850, morador no União. Casou-se com Teresa Cândida (ver anexo 3), filha de Raimundo Nonato de Queiroz e Cândida Isabel Ferreira (no citado anexo, **Furtado**). Casamento em 17 de junho de 1864, em Oratório privado, engenho União, depois de dispensados os nubentes do **parentesco de consanguinidade em que eram ligados no primeiro grau simples lateral igual no quarto atingente ao terceiro duplicado,** conforme a certidão eclesiástica. Testemunhou, Elpídio Furtado. Bênçãos do Pe. Vigário José Alexandre Gomes de Melo. Filhos do casal: a) Maria Cândida Furtado, na intimidade, **Acanzinha**, nascida em 24 de agosto de 1877 e falecida inupta aos 10 de outubro de 1976: mulher de espírito elevado, bastante instruída, muito sensata nos seus juízos, palavras e obras; está sepultada no jazigo de seus pais; b) Isabel, **Béi**, falecida inupta, em idade avançada, sofria de doença mental; c) José Furtado de Mendonça e Meneses, nascido a 2 de março de 1884 e falecido em 28 de julho de 1925, vítima de doença pulmonar, era casado com a prima Maria Julita Furtado, minha tia materna. Não deixou descendência. José Furtado, Major da Guarda Nacional, foi co-proprietário do engenho-de-açúcar Igarapé, mais conhecido como **Engenho dos Irmãos Furtado.**

O Tenente-Coronel José Furtado, meu bisavô, matrimoniou-se, ainda, com **Raimunda Esmeralda**, minha bisavó, filha de Matias Marinho de Carvalho e Ana Angélica Senhorinha, conforme a certidão que se segue:

> **Aos vinte e hum dias do mes de dezembro do ano de mil oitocentos e cincoenta e nove, no engenho UNIÃO pelas oito horas da noite, o vigário José Coelho casou a José Furtado de Mendonça e Meneses (viúvo) com Raimunda Esmeralda de Carvalho, filha legítima de Matias Marinho de Carvalho e Ana Angélica Senhorinha (já falecida) e lhe deu as bênçãos nupciais — pela faculdade que tinha de sua Excia. Revma., sendo testemunhas Manuel Varela do Nascimento e Ivo Abdias Furtado de Mendonça e Meneses.**
>
> **Pe. Luís da Fonseca e Silva. Vigário encomendado.**

O testemunhante Manuel Varela do Nascimento era Senhor dos engenhos Capela e São Francisco, Coronel da Guar-

da Nacional e futuro Barão do Ceará-Mirim. O Pe. Luís, de família tradicional, tinha o apelido de **Padre Coringa**. Do enlace matrimonial nasceram os seguintes filhos:

a) Josino, nascido em 1874, casou aos vinte e quatro anos de idade na Capela de Taipu, Distrito de Paz, em 1864, Município em 1881 e Cidade de Taipu em 1938, com Maria Teodolina de Arruda Câmara, no dia 15 de fevereiro de 1894. Ela, de idade de 19 anos, filha de Miguel de Arruda Câmara Joaquina Benícia de Arruda Câmara. Testemunharam: Tenente-Coronel Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses e José Villela Cid, meu avô materno. Nada sei dos descendentes.

b) Adolfo, nascido a 14 de junho de 1868 e falecido no mesmo ano.

c) Fausta Francelina, na intimidade, **Fafá**; faleceu já muito idosa e inupta.

d) Teófilo, nascido em 1865, casou na Capela de Taipu, aos 27 a nos de idade, com Maria de Arruda Câmara, de 20 anos de idade, irmã da mulher de Josino. Testemunharam: Tenente-Coronel Acúrcio Furtado e Ângelo Varela Santiago, Senhor do engenho Diamante. Bênçãos do Pe. Coadjutor João Evangelista da Silva. Filhos do casal: Casilda Furtado Wanderley, Omar Furtado, Olga Furtado Guedes, Paulo, Almir, Raimunda Furtado, Nair Furtado de Mesquita Queiroz, Celina Furtado Maranhão, Dulce Soares Furtado, todos casados e moradores na cidade do Natal.

e) Delfina Teodolina. Casou com Elpídio Furtado.

f) Ursulina Liberalina Furtado de Meneses, minha avó materna, nascida em 13 de outubro de 1860, casada com José Villela Cid.

Investigando as lápides dos túmulos da família **Furtado** no cemitério público de Santa Águeda, em 1978, observei que não existe o mínimo sinal de lembrança do português Antônio Furtado, nem de sua mulher Isabel Ferreira Cavalcante. Quero crer que eles foram sepultados ali. Por exemplo: Antônio teria falecido em 1866 porque em 16 de julho de 1867 o filho homônimo requereu em Baturité uma certidão dos bens deixados pelo seu genitor no Rio Grande do Norte.[9] Demais, o cemitério foi construído em 1860, sob a orientação do Pe. Luís da Fonseca, o **Coringa**, no governo provincial de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, não havendo, assim, possibilidade de sepultamento do islenho em cemitério parti-

cular. Mônica Liberalina, diga-se de passagem, como que inaugurou o Santa Águeda, pois falecera no União a 23 de janeiro de 1861. Seja como for, não é impossível que Antônio e sua mulher tenham sido sepultados em São Gonçalo do Amarante. No Santa Águeda existe um túmulo antigo guarnecido de azulejo branco exibindo quatro lápides de mármore. À parte as inscrições mais recentes, relacionadas com o Major José Furtado e a sua esposa Maria Julita, ressaltem-se, aqui, as de José Furtado e de Teresa Cândida:

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAIS DE
JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA MENEZES.
NASCEU A 15 DE JULHO DE 1850. FALECEU
A 6 DE JULHO DE 1907
P.N. A.M.
LEMBRANÇA ETERNA DE SEUS FILHOS

AQUI DESCANSAM OS RESTOS MORTAIS DE
THEREZA CANDIDA FURTADO. NASCIDA A
2 DE MAIO DE 1850. FALECIDA A 21 DE
NOVEMBRO DE 1906
P.N. A.M.
RECORDAÇÃO ETERNA DE SEUS FILHOS

Por conseguinte: José Furtado, Júnior, filho de José Furtado de Mendonça e Meneses, do Ceará. Nesse caso, em que data faleceu este último? Há uma certidão de óbito dizendo: **A 6 de março de 1907, faleceu nesta cidade de Ceará-Mirim, viúvo de Teresa Cândida Furtado, com a idade de 87 anos.** Teria ele nascido em 1819 ou 1820, e, ainda, casado terceira vez com Teresa Cândida Furtado. Mas, a da lápide? Impossível, porque aquela Teresa nascera em 1850. Entretanto temos outro óbito: **Aos 21 de novembro de 1906, faleceu com a idade de oitenta anos (mais ou menos) confessada, ungida e tendo recibo o Santíssimo viático, Teresa Cândida Furtado de Mendonça.** Ora, esta data de falecimento combina com a da lápide, porém entra em choque com a do nascimento: na lousa ela tem 56 anos de idade, e no óbito, 80 anos. A impressão é que tais óbitos são do cearense José Furtado e de uma sua terceira mulher. Basta rever o seguinte trecho da certidão de casamento de José Furtado, Júnior, bem evidente: **José Furtado de Mendonça e Meneses e Teresa Cândida Furtado, ele filho de José Furtado de Mendonça e Meneses e dona Vicência Furtado Gomes da Silva,** etc., e tal, casados em 16 de junho de 1864. Aliás, conta-se que José Furtado e

o seu filho homônimo faleceram com diferença de poucos meses, motivo por que não foram sepultados no mesmo túmulo. Os restos mortais de José, pai, estariam, talve, no jazigo onde se encontram os de sua filha Ursulina Liberalina, mas sem lápide.

Segundo me disse Luís Cid, quando de uma de minhas visitas a Natal, ele próprio conhecera os dois últimos proprietários do engenho União, porém se esqueceu de citar seus nomes. Um deles raramente saía daqueles domínios. Gordíssimo, pesava quase duzentos quilos. Metia-se no canavial e nos pomares, de chapéu de palha na cabeça, suando a bicas, apoiado a um pau tão grosso que mais parecia uma estaca de sustentar videira. Suas calças de zuarte complementadas de suspensórios sobre a camisa de algodãozinho eram o assombro dos meninos do engenho: divertiam-se quando elas caíam às mãos da lavadeira, entrando por uma boca e saindo pela outra.

Ora, os únicos irmãos **Furtado**, cearenses, moradores no União, eram José e Elpídio. O gordo, de vida sedentária, seria portanto o primeiro. De qualquer forma fica a pergunta: de quem era filha aquela **Teresa Cândida Furtado**, da certidão de óbito?

N O T A S

1. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.
2. Cf. Celso Dantas Sales, **Pela História — Notas históricas de São José de Mipibu.** Rev. do IHGRGN, p. 25, v. 23/24, 1926-7, Natal.
3. **A República**, Natal, artigos de 4.7./14.8./15.8.1891. Diz o articulista pouco mais que letrado. "Quem o vê nesta Vila, andando grave e pousado esticando uns bigodes — que lembram-nos a "pintada" dos serros do Trairi, pernilongo e caraôlho, injusto, traiçoeiro e comodista", etc., e mais estes versos: "Mestre Furtado Abdias/Pé de porco e mão de onça,/Avançarraz de Bocurum/Parlapatão de Mendonça — Tome cuidado com o mundo/ Olhe que o mundo desaba// Avançarraz de Bocurum/ Parlapatão da Quixaba". Ignora-se o verdadeiro nome do autor dos artigos.
4. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.
5. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.
6. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.
7. Vicência Gomes da Silva **Freire** é como consta na certidão de casamento de Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses.
8. Segundo Inácio Magalhães de Sena, os filhos varões, exceto Augusto, que morreu louco, na companhia de Maria Amélia, avó de Inácio, foram para o Acre e ali desapareceram sem deixar rastro.
9. Doc. do Arq. de Arruda Furtado.

Capítulo 3

FOLHAGEM DE PRATA

Meus avós maternos e sua descendência

Ursulina Liberalina Furtado de Meneses, minha avó, tem o seu nascimento registrado no Livro n.º 16, fl. 80, da Matriz do Ceará-Mirim:

> **Ursulina, branca, filha legítima de José Furtado de Mendonça e Meneses e Dona Raimunda Esmeralda Furtado. Nasceu a 13 de outubro de 1860 e foi solenemente batizada por mim a 28 do mesmo mes e ano p.p. Matías Marinho de Carvalho e Dona Maria Inácia de Moura, por procuração que apresentou Antônio Pacífico de Queiroz e Dona Vicência Furtado.**
>
> **Do que para constar mandei fazer êste assento em que me assino.**
>
> **Pe. Luís Fonseca e Silva**

Casar-se-ia com José Villela Cid, agricultor, natural do município de Macaíba e morador no Ceará-Mirim, filho legítimo de Francisco de Oliveira Cid e Florência Maria de Carvalho, talvez parenta do velho Matias Marinho de Carvalho.

José Villela descendia de família fidalga. Na obra genealógica de Antônio José Vitorino Borges da Fonseca, **Nobiliarquia Pernambucana**, encontrou Luís da Câmara Cascudo as origens dos Vilella Cid do Rio Grande do Norte: um Antônio Villela Cid, fidalgo espanhol, ou português, conforme Hélio Galvão, chegado a Natal no século XVII para assumir o governo da Capitania, casou com Inês Duarte, colona, natural dos Açores, irmã do Vigário Francisco Ferro, um dos muitos mártires da tirania holandesa. Filhos: Pedro, Inês, Maria, Bárbara e Antônio Vilella Cid, o **Moço**. Este, segundo Câmara

Cascudo, foi morto ao lado do pai e do tio Vigário em Uruaçu. Bárbara casara com Estêvão Machado de Miranda, também trucidado em Uruaçu. Lopes Santiago conta que a mulher de Estêvão Machado fora morta, assim como duas filhas, e uma terceira, moça galharda, escapou porque a trocaram por um cachorro de caça. Mas deve ser engano a morte de dona Bárbara porque a **Breve e Autêntica Relação das Últimas Tiranias**, etc., escrita por Lopo Curado Garro ouvindo sobreviventes e datada de 23 de outubro de 1645, a fonte mais segura da tragédia, conta diferentemente. A mulher escapou assim como as filhas."

Ainda referindo os acontecimentos de **Uruaçu**, em Macaíba, diz Câmara Cascudo: "Antônio Villela, o Moço, que Borges da Fonseca registra como solteiro, estava casado e mataram uma sua filinha em Uruaçu, partindo-lhe a cabeça numa árvore. Pedro Vilella Cid, já casado também, encontrava-se na Paraíba." Em fim: "Encontrei uma Inês Duarte Sobral a 9 de agosto de 1610. Era solteira, ao crer, a futura mulher de Antônio Vilella Cid que casara em Natal, com a bênção do cunhado vigário."[1] Conforme observa Hélio Galvão, aquele Pedro Villela que estava na Paraíba à época do morticínio de Uruaçu (eu diria: genocídio, pois a intenção do holandês era de destruir todos os colonos válidos da Capitania) deixou família numerosa. São seus filhos: Pedro Villela Cid, de Olinda, casado com Maria de Barros; Antônio Villela Cid, neto, de Porto Calvo, Alagoas, casado com Isabel Veloso, pais de outro Pedro Villela Cid; João Feyo de Freitas, de Goiana, Pernambuco, casado com Ana Gomes Ferraz; Manoel de Freitas de Vasconcelos; Joana de Góis, casada com o Capitão Manuel Ribeiro; Inês de Vasconcelos, casada com o primo Capitão Manuel Alves de Carvalho; Maria de Freitas Vasconcelos, casada com Gaspar Gomes Ferraz; Antônio Villela, de Utinga.

2. Não tenho informações a respeito dos avós paternos e maternos de José Villela Cid, homem de estatura mediana, corado, cabeleira e bigodes alourados e olhos castanhos. Na intimidade, **Amor**. Nasceu aos 20 de julho de 1860. Morreria a 12 de outubro de 1936, mês lembrativo da tragédia de Uruaçu. Além dos pais, moraram no município cearamirinense outros parentes, como por exemplo: Manoel de Oliveira Villela, seu tio, nascido a 11 de novembro de 1833 e falecido em 12 de dezembro de 1957; Modesto de Oliveira Villela, inventor de uma máquina de medir tecidos, (Exposição Internacio-

nal de Indústrias do Rio de Janeiro, 1923); e o sobrinho Lourenço Silvestre Cid, Senhor do engenho Pedregulho.

O casamento de minha avó verificou-se no engenho União, conforme o Livro n.º 7-C, Fl. 66, da Matriz do Ceará-Mirim:

> **Aos sete dias de novembro do ano de mil oitocentos e oitenta e oito, depois de feitas as diligências de estilo sem impedimento algum, no engenho UNIAO, em Oratório privado, na presença das testemunhas Tenente-Coronel José Felix da Silveira e Alexandre Varella do Nascimento, mais um matrimônio "Just. Tridt.", e dei as Bençãos nupciais aos contraentes, José Villela Cid e Ursulina Liberalina Furtado de Meneses. Ele, filho de Francisco de Oliveira Cid e Florência Maria de Carvalho (já falecida), ela filha do Tenente-Coronel José Furtado de Mendonça e Meneses e Raimunda Esmeralda Furtado. O contraente natural da Freguesia de Macaíba, a contraente desta, onde são moradores.**
>
> **Do que para constar mandei fazer êste assento em que me assino.**
>
> **O Vigário**
> **Frederico A. Raposo da Câmara**

Os testemunhantes: José Félix da Silveira Varela, Senhor do engenho Ilha Bela, e Alexandre Varela do Nascimento, são filhos do Barão do Ceará-Mirim, Cel. Manoel Varela do Nascimento. O vigário, Frederico Augusto Raposo da Câmara, cearamiriense, nascido a 24 de dezembro de 1803, faleceria a 1.º de março de 1881.

José Villela Cid, homem risonho, boêmio no bom sentido da palavra, cantor de modinhas sentimentais, sempre satisfeito com a vida, morou no engenho União logo depois de se casar. Minha avó, gorda, alva, cabelo e olhos castanhos, instruída, era caridosa e simpática no trato com as pessoas. Ela faleceu em 10 de agosto de 1941. A primeira vez que eu a vi, em 1925, por ocasião da morte do Major José Furtado, ela morava com o marido e a irmã Fausta Francelina, **Fafá**, à Rua da Igreja, hoje, Vereador Euclides Cavalcanti, casa já demolida, em cujo terreno existe agora uma outra, moderna, n.º 53.

Ursulina e Fausta viviam então aposentadas em suas redes num mesmo quarto, ambas sem visão, devido as cataratas, enquanto que José Villela, de viola em punho, cantava baixinho. Estavam todos pobres de Job, mas sob o cuidado da filha Laura Flora. Já Francelina, quando a vi, era baixa, muito magra, corada e de olhos azuis. Pobres de Job, repito, porque desaparecera para sempre o fastígio econômico de um dos mais antigos engenhos de açúcar do vale, o União, no tocante a seus proprietários, que o venderam, talvez já em fins do século XIX, a estranhos.

Não é verdadeira a afirmativa de Nestor Lima, **Municípios do Rio Grande do Norte**, de que o União fora fundado pelo Dr. José de Araújo Vilar. Este o possuiu, mas por compra, não sei se efetuada diretamente com os Furtado, vendendo-o depois ao Cel. Felismino do Rego Dantas Noronha, pernambucano. Falecido este, a 25 de dezembro de 1938, o engenho foi vendido e o novo proprietário, homem sem raízes na história econômica do município, demoliu a fábrica e a casa-grande.[2]

Do casamento de José Villela Cid e Ursulina Liberalina Furtado de Meneses nasceram cinco filhos: Maria Julita, Alice, Laura Flora, Luís Cid e Flora.

3. **Maria Julita Cid**. Nasceu no engenho União, em 8 de março de 1880. Na intimidade, **Mariquinha**, e entre os sobrinhos maternos, **tia**. Casou com o primo, Major José Furtado de Mendonça e Meneses, bisneto do Islenho Antônio Furtado. Não deixou descendência. Alva, dolhos e cabelos castanhos, voluntariosa e instruída, morava à Rua São José, num casarão, antigo n.º 124, agora n.º 314, esquina com a Rua Miguel Dantas, mandado construir pelo seu marido. Falecido este em 1925, foi vendido o engenho Igarapé a Milton de Gouvea Varela.

Julita, já viúva, empreendeu viagem de turismo, salvo engano, em 1929, via marítima, linha Ceará-Paraíba do Norte. Anos mais tarde ela passou a morar com a prima e cunhada Maria Cândida Furtado, casa na mesma Rua São José n.º 356, demolida em 1979. Já em avançada idade, foi vítima de queda no dia 3 de novembro de 1957, tendo fraturado a coxa esquerda. Após submeter-se a uma operação cirúrgica em Natal, regressou ao Ceará-Mirim, porém sem mais poder locomover-se. Finou-se com paralisia geral em casa de sua filha ado-

tiva, minha irmã Margarida, no dia 3 de fevereiro de 1960. Foi sepultada no jazigo do Major José Furtado.

4. **Laura Flora Cid**. Nasceu aos 18 de agosto de 1893, em Taipu. Alva, cabelo e olhos negros. Míope, usava óculos de aro de ouro. Era constante leitora do jornal católico O Nordeste de Fortaleza, então dirigido pelo primo, dr. Andrade Furtado. Mulher criteriosa, de grandes iniciativas no setor religioso da cidade, foi o anjo tutelar de seus pais. Morreu inupta, em conseqüência de queda com fratura de uma perna, no dia 10 de agosto de 1965. Está sepultada no jazigo de seus pais.

5. **Luís Gonzaga Cid**. Nasceu em Taipu a 2 de fevereirc de 1900. Casou com D. Leopoldina, cearamirinense. Houve muitos filhos. Gordo, calvo, dolhos negros e boa visão, alegre, boêmio e poeta. Dirigiu em Taipu e no Ceará-Mirim as estações da Rede Ferroviária. Aposentando-se, vendeu sua casa e passou a residir em Natal.

Na mocidade fez grandes e memoráveis "farras" com seus amigos, dentre os quais eu citaria: dr. Oscar Mendes Castilho Brandão, o musicista Prisco Rocha, Dr. Álvaro Nogueira China, dr. Tibúrcio Gambarra, Gabriel Saraiva e dr. Juvenal Antunes. Como poeta humorista produziu muitos trabalhos, hoje dispersos ou perdidos. Contou-me o acadêmico Gumercindo Saraiva que aos domingos e feriados Luís Cid fazia circular um jornal manuscrito. Colaborou na revista O **Ferroviário**, editada no Ceará-Mirim, órgão de defesa da classe. Versos atribuídos a Moisés Sesion, disse Saraiva, seriam da lavra de Luís, que também criava "emboladas" e "trovas recitadas pelo ex-escravo "Tabacão", indivíduo de grande memória, morador no engenho do Cel. Simeão Barreto, em Massagana.

Meu tio faleceu em Natal, dia 2 de fevereiro de 1962, após muitos padecimentos. Tudo começou de um calo no polegar do pé direito, que grangrenou. Amputado o pé, prosseguiu a moléstia porque ele era diabético, vindo a perder as pernas. Está sepultado no túmulo dos pais, onde também repousa os restos mortais de D. Leopoldina, falecida em Natal, em 1978. Luís Cid deixou inédito um livro de poesias.

6. **Alice Cid**. Minha mãe. Nasceu em Taipu aos 12 de agosto de 1892. Casou-se com Antônio Alves de Oliveira, natural de São Gonçalo do Amarante, nascido em 13 de junho

de 1885, filho do comerciante José Olímpio Alves de Oliveira e Umbelina Augusta de Oliveira, primos e açuenses.

Meu pai, falecido em Natal, em 4 de julho de 1975, está sepultado no cemitério público do Ceará-Mirim. Casou-se três vezes, sendo sua última mulher D. Alzira Marinho de Queiroz, filha do fazendeiro Sebastião Marinho de Queiroz e de Ana Arruda de Queiroz, do Vale do Camaragibe. Desse consórcio nasceram na capital paraibana: Vanina, em 10 de março de 1928, que casaria com o médico pernambucano Antônio Edson Vieira, vindo ela a falecer de desastre de automóvel no Recife, deixando um filho do sexo masculino; e Vanizeti, nascido em 2 de outubro de 1929, eng. civil, casado duas vezes, com filhos, e radicado no Recife.

Tenho em elaboração um livro sobre a vida pública de Antônio Alves de Oliveira. No Ceará-Mirim, foi advogado provisionado, jornalista e Secretário da Intendência Municipal. Fundou e dirigiu os periódicos políticos: **A União**, 1905-10; **O Ceará-Mirim**, 1911-15; **Correio da Semana**, 1916-19. Em Natal, dirigiu o diário republicano **A Opinião**, fundado pelo Ministro de Estado, dr. Augusto Tavares de Lyra, 1919-23. Fundou o diário político **O Debate**, 1934-35. Foi suplente de Deputado estadual em 1935, Secretário e Diretor do Expediente da Prefeitura de Natal, tendo feito parte das Comissões de Publicidade e de Divulgação na Interventoria do Comandante Bertino Dutra, e exerceu na capital da Paraíba o cargo de Almoxarife da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). Foi Diretor Geral do Departamento de Estatística do Estado do Rio Grande do Norte, editorialista dos jornais políticos **O Jornal**, **Jornal do Commércio** e **Jornal de Natal**, tendo colaborado, inclusive, n'**A República**, órgão oficial do governo. Em 23 de julho de 1957 tomou posse como sócio-fundador, Cadeira n.º 6, da **Academia Potiguar de Letras**, tendo por Patrono o jornalista Pedro Celestino da Costa Avelino, sendo saudado pelo dr. Boanerges Januário Soares de Araújo, que, em seu discurso, frisou: **imortal, cheio de fé, soldado das letras, sentinela indormida na trincheira da imprensa, combativo, austero, sem contudo lhe faltar a serenidade indispensável ao equilíbrio da opinião no conceito do leitor.**

Do casamento com Alice Cid, nasceram os seguintes filhos:

a) Maria Dolorosa. Nascida em 16 de setembro de 1912 e falecida ainda criança.

b) Maria da Conceição Alves de Oliveira. Nascida em Ceará-Mirim, em 8 de dezembro de 1913. Casou-se com Vicente Inácio Pereira, em Natal, com as bênçãos do Vigário, Monsenhor José Alves Landim, no dia 16 de junho de 1934, em oratório privado, de sua residência, no bairro do Tirol.

Vicente Pereira, alvo, dolhos azuis e cabelo castanho, nasceu no engenho Oiteiro, em Ceará-Mirim, aos 10 de janeiro de 1908. Era filho de Olímpio Varela Pereira, agricultor, e de Maria Madalena Antunes Pereira, autora do livro Oiteiro (Memórios de uma Sinhá-Moça); neto paterno do dr. Vicente Inácio Pereira, médico, 1.º Vice-Presidente da Província do Rio Grande do Norte, Presidente em 1879, jornalista deputado provincial, Senhor do engenho Guaporé, e de Isabel Varela, filha do Barão do Ceará-Mirim; neto materno do Tenente-Coronel José Antunes de Oliveira, natural de Fortaleza-Ceará, Senhor do engenho Oiteiro, e de Joana Soares, **Joaninha**, filha do Cel. José Onofres Soares.

Vicente foi funcionário do Lloyd Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1927; da Companhia de Navegação Costeira, em Natal, até 1934; Secretário Interino do Diretor do Expediente da Prefeitura Municipal de Natal (Antônio Alves de Oliveira) em 1934 e, demitindo-se, fundou no dia 8 de dezembro do mesmo ano o primeiro cinema falado do Ceará-Mirim — Rialto, instalado no antigo prédio do cinema mudo de Severino Ramacho, inaugurando-o com o filme **Capitão Blood**. Foi, ainda, fundador de agências de um Instituto de Previdência Social em Macau e Natal; diretor de um deles em Salvador, e também no Rio. Presidiu o Conselho Fiscal do Instituto dos Comerciários nos governos de João Café Filho e Juscelino Kubitschek de Oliveira, aposentando-se em seguida. Foi Secretário-Geral de Administração no Ministério da Saúde, no governo de Castelo Branco, e Presidente da Junta de Controle da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, no governo Costa e Silva.

Vicente publicou, no Rio, em 1967, o livro de poesias: **É Breve o Tempo das Rosas**, com orelhas do deputado Aluísio Alves, e capa desenhada por sua esposa Maria da Conceição de Oliveira Pereira, **Maninha**, autora de excelentes pinturas a **nanquin**. A última vez que nos vimos foi em 1975, na sua residência, à rua Cupertino Durão n.º 44, apartamento 401, no Leblon. Ele faleceu às 17h de uma segunda-feira de 4 de junho de 1979, em um hospital de clínicas, vítima de edema

pulmonar, com a idade de 71 anos. Está sepultado no jazigo da família, no Cemitério de São João Batista. São filhos do casal: Glauco de Oliveira Pereira, nascido em Natal aos 28 de maio de 1935, eng. arquiteto; Stênio, nascido em Natal aos 20 de dezembro de 1937, eng. arquiteto; Fernando, nascido no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1940, bacharel em Direito; Maria Alice Pereira Martins, nascida no Rio, em 17 de dezembro de 1945, professora, casada, com filhos. Ignoro o nome de seu marido, comerciante, nascido em Portugal.

c) Glauco Alves de Oliveira. Nasceu em Ceará-Mirim aos 29 de dezembro de 1914. Cursou em 1929 o 1.º ano secundário do **Colégio Diocesano Pio X**, de João Pessoa, fundado em 1894 sob os auspícios do Arcebispo Metropolitano e dirigido pelos Irmãos Maristas desde 1927. Glauco colaborou com poesias na **Revista dos Alunos do Colégio Pio X**. Em Natal, depois de 1930, foi funcionário da Prefeitura, Secção de Contabilidade. Pretendia casar com a senhorinha Maria Carmelita Dantas Barreto, cearaminense, mas, adoecendo de paludismo agudo complicado com infecção de paratifo, segundo os médicos, faleceu às 11:40 do dia 31 de março de 1931. O jornal **A República**, de 1.º de abril, noticiou o seguinte:

GLAUCO ALVES DE OLIVEIRA

> **Faleceu, ôntem, nesta capital, o inditoso moço Glauco Alves de Oliveira, filho do nosso apreciado colaborador Antônio Alves de Oliveira.**
>
> **O esperançoso conterrâneo contava 17 anos de idade, era estudante, e iniciava-se, com tendência superior, na poesia, produzindo com espontaneidade interessantes poemas.**
>
> **Seu enterro verificou-se, hoje, às 8 horas da manhã, à rua 13 de Maio, onde residia o infortunado Gauco, para o Cemitério do Alecrim.**
>
> **Os alunos do Colégio Marista estiveram presentes ao sepultamento em companhia de alguns mestres e muitos cavalheiros da amizade da família enlutada.**

O **Diário de Natal** publicou:

FINADOS

> **Em a residência do Sr. José Rabelo, à rua 13 de Maio n.º 721, faleceu ôntem, às 12 horas, nesta capital, vítima de súbito ataque palúdico, o jovem Glauco**

Alves de Oliveira, filho do Sr. Antônio Alves de Oliveira, Secretário da Prefeitura de Natal.

Muito moço ainda, contando apenas 17 anos de idade, o desaparecido, desde os primeiros anos de sua juventude, demonstrava uma tendência vivaz, dedicando-se aos estudos com real aproveitamento.

Estudante de humanidades, pretentendo matricular-se no 3.º Ano do Atheneu Riograndense, onde por certo se distinguiria pelo seu procedimento e aplicação aos livros, Glauco, apesar dos seus verdes anos, manifestava acentuado pendor para o verso, tendo deixado interessantes produções poéticas de sua lavra.

Glauco, na intimidade dos irmãos: **Maninho**, era alto, moreno dolhos e cabelos negros. Seus restos mortais descansam no túmulo de Alice e Flora Cid de Oliveira.

d) Yone. Nascida em 21 de dezembro de 1915, em Ceará-Mirim. Faleceu ainda criança.

e) Garibaldi Alves de Oliveira. Nasceu em Ceará-Mirim aos 27 de novembro de 1916. Estudou no **Coléégio Pio X** e no **Colégio Santo Antônio**, de Natal, Maristas. Foi funcionário da Base Aérea de Parnamirim ao tempo da Guerra Mundial; Gerente substituto do jornal **O Debate**; bancário, no Rio, onde ingressou, depois, no Instituto Nacional da Previdência Social, no Quadro de Fiscais.

É casado com a carioca Teresa Soares de Oliveira, matrimônio ocorrido em 30 de outubro de 1954, e tem dois filhos: Yeda, nascida em 25 de julho de 1955, e Antônio Carlos, nascido em 5 de dezembro de 1958.

f) Lygia. Nasceu aos 30 de janeiro de 1917. Faleceu em 28 de maio de 1918, às 3h da madrugada em Ceará-Mirim. Está sepultada no túmulo de Yone.

g) Marina. Nasceu em Natal, à rua S. Tomé, no dia 17 de julho de 1920, comemorativo da santa do mesmo nome, numa quarta-feira, às 2h da madrugada. Foi batizada em 7 de agosto, em Taipu, sendo padrinhos Venerando Concentino e sua esposa Maria Umbelina Concentino. Padre batizante, Manoel Gadelha. Era alva, dolhos azuis. Ignoro a data do falecimento, ocorrido quando ela ainda era criança.

h) Guarino Alves de Oliveira. Nasceu em Natal, a 1h da madrugada de uma segunda-feira de 2 de maio de 1921, comemorativo de Santa Malfada, Infanta de Portugal, na

casa 382, já demolida, à rua São Tomé, antiga **Quartel**. Foi batizado na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação em 30 de agosto de 1921, sendo padrinhos Francisco Lima de Vasconcelos, Fiel-Tesoureiro da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, e sua genitora Dona Belica de Vasconcelos. Guarino estudou nos colégios: **Pio X**, em cuja capela recebeu das mãos do Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Moisés Coelho, a 1.ª Comunhão; **Santo Antônio**; e **Escola de Comércio de Natal**. Matriculou-se no Pré-Vestibular da Universidade Federal do Ceará em 1962, porém desistiu de estudar. É Oficial Administrativo, aposentado, do Instituto Nacional da Previdência Social.

Iniciou-se na vida literária como cronista, poeta, jornalista e romancista, tornando-se, finalmente, historiador. Em 1948 fundou e dirigiu em Fortaleza o periódico **O Debate**. Foi candidato à Câmara de Vereadores, e esteve na Espanha em 1975 por convite do Ministério de Assuntos Exteriores e do Instituto de Cultura Hispânica para fazer estudos superiores de História no Museu Naval de Madri e no Arquivo Geral da Casa de Índias em Sevilha. Pertence às sociedades de cultura: **Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico**; **Academia de Letras e Artes do Nordeste**, Recife; **Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão**, S. Luís; **Academia Brasileira de História**, São Paulo; **Sociedade Brasileira de Folclore**, Fortaleza; **Instituto Cultural do Cariri**, Crato, Ceará; **Academia Norte-rio-grandense de Letras**, Natal; **Associação Cearense de Imprensa**, Fortaleza; **Academia Sobralense de Estudos e Letras**, Sobral, Ceará; **Centro Cultural, Literário e Artístico de Felgueiras**, Portugal; **Sociedade Cearense de Geografia e História**, Fortaleza; **Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória; **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal; **Instituto Genealógico do Cariri**, Crato, Ceará; **Sociedade Brasileira de Trovadores**, Fortaleza; **Instituto Cultural do Vale Caririense**, Juazeiro do Norte, Ceará; e **Instituto de Cultura Americana do Uruguai**, Montevidéu.

Trabalhos publicados:

O Diamante do Tibagi, romance. 1953.

Janela para o Nordeste (Estudos sobre os problemas do Polígono das Secas), 1960.

A Costa Setentrional do Brasil na Carta de Navegar de Alberto Cantino, 1968.

Vera Cruz, Tomo I, 1974.

Capitanias Hereditárias ou Dissertações Sintéticas de um Histório-Geógrafo, 1977.

Duas Contribuições para a História Marítima do Brasil, 1977.

O Monte Delly, 1977.

Província Fluminis Grandis, 1977.

Estudos Americanos, 1978.

Navegações Ultramarinas Portuguesas, Tomo II de **Vera Cruz**, 1978.

João Rodrigues Colaço e uma Nota em Cursivo do Barão de Studart, 1979.

Elogio de Isabel, a Rainha Católica, 1980.

Vicente Yáñez Pinzón y Brasil, em espanhol, 1981.

Origem do Nome Ceará, 1981.

Aspectos da Influência da Sereia na Imaginação do Homem, 1981.

História Breve da Vila do Ceará-Mirim, 1981.

Ruínas do Forte de São Sebastião, 1981.

Seareiros do Vale do Ceará-Mirim, 1981.

Elementos para o Estudo da Escravidão no Ceará, 1981.

Engenhos de Açúcar do Ceará-Mirim, 1981.

Vida Histórica e Sentimental do Farol do Mucuripe, 1981.

O Mistério da Estrela de Belém, 1981.

Coronel José de Oliveira Antunes, Senhor do Engenho Oiteiro, 1981.

Claras Figuras do Passado (Genealogia e História da família Furtado de Mendonça e Meneses) 1982.

Casou-se em Fortaleza aos 2 de maio de 1945 com Maria Argentina Aguiar de Oliveira, nascida em 10 de abril de 1921 em Massapê, Ceará, filha de Patriolino Valdemiro de Aguiar e Maria Raimunda Ponte de Aguiar, sendo neta paterna de Antônio Alves de Aguiar e Maria Bernarda de Aguiar, e materna de Francisco Ferreira da Ponte e Raquelina Maria de Arruda da Ponte. Filhos: a) Frédéric Alves de Oliveira, **Fred**, nascido na Casa de Saúde César Cals, em Fortaleza, às 11h de uma quinta-feira de 27 de março de 1947. Batizado a 2 de maio de 1947 na Igreja do Carmo à tarde de uma sexta-feira

pelo Vigário Pe. Expedito de Oliveira, hoje Bispo de Patos, na Paraíba. Crismado em 2 de maio do mesmo ano numa quinta-feira, na Igreja do Rosário, pelo Sr. Arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa. Frédéric, ex-aluno do Instituto de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará é taquígrafo e funcionário efetivo do Ministério da Saúde, em Fortaleza. Casou-se em 10 de julho de 1978, às 15h, na Igreja do Carmo, com Eneida Xavier de Almeida, de Baturité, filha de Alfredo Xavier de Almeida e Maria Carmélia Pinheiro de Almeida, sendo neta paterna de Raimundo Xavier de Almeida e Maria Benta de Almeida, e materna de Tibúrcio Evangelista da Silva e Maria Nazareth Pinheiro. Do enlace matrimonial registram-se 2 filhas: **Roberta Almeida Alves de Oliveira**, nascida na Casa de Saúde Cura D'Ars, em Fortaleza, às 16:5min do dia 19 de outubro de 1979, e **Andreza**, nascida na Caso de Saúde Cura D'Ars, às 15:05h do dia 28 de novembro de 1981, sendo batizada na Igreja de Santa Luzia, pelo Pe. Gerardo de Aguiar, em 6 de junho de 1982; b) Alexander Alves de Oliveira, **Alex**, nasceu às 16h de uma sexta-feira de 25 de junho de 1948 na Casa de Saúde César Cals. Batizado em 25 de dezembro de 1948 na Igreja do Carmo, pelo Pe. Expedito de Oliveira num domingo à tarde. Crismado a 2 de maio de 1948 na Igreja do Rosário, pelo Sr. Arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa. É engenheiro civil, formado pela Universidade Federal do Ceará. Tem curso de Inglês, feito no **Instituto Brasil-Estados Unidos**, e exerce a sua profissão no **Departamento Nacional de Obras Contra as Secas**, tendo servido em Teresina, Piauí, estando presentemente lotado na sede, em Fortaleza. Casou-se em 25 de junho de 1974, às 15h, na Igreja do Carmo, com a senhorinha Gorette Maciel, natural de Juazeiro do Norte, Ceará, filha legítima de Gessi Maciel Lopes, proprietário da IMAG — Indústrias de Massas Alimentícias Gessi, do Crato, e Eurídice Emídia Lopes, sendo neta paterna de Godofredo Maciel e de Helena Maciel, e materna de Antônio Emídio Gondim e Elisa Gondim. Do enlace matrimonial houve os seguintes filhos: **Alexander Alves de Oliveira Júnior**, nascido na Casa de Saúde Cura D'Ars, em Fortaleza, aos 5 de novembro de 1975; **Giovanni Maciel Alves de Oliveira**, nascido na Casa de Saúde Angeline, em Fortaleza, no dia 6 de setembro de 1977; e **Shirley Maciel Alves de Oliveira**, nascida na Casa de Saúde Cura D'Ars, em 26 de outubro de 1979; c) Charles Alves de Oliveira, nascido na Casa de Saúde São Gerardo, em Fortaleza, às 2h da tarde de uma segunda-feira do

dia 15 de abril de 1955. Batizado na Igreja do Carmo em 2 de maio do mesmo ano. É aluno da Universidade de Fortaleza (**Unifor**).

i) Margarida Maria Alves de Oliveira. Nasceu em Natal, aos 21 de abril de 1922, à rua São Tomé. Casou-se em Ceará-Mirim, em 28 de dezembro de 1938, com o agropecuarista Cleto Formiga Brandão, natural de Salvador, Bahia, nascido em 8 de maio de 1914, filho do dr. Oscar Mendes Castilho Brandão, cearamiriense, e de Isaura Formiga Brandão, baiana, Cleto é proprietário das fazendas: **São José**, **São Luís**, **Patos** e **Imburana**. São filhos do casal: a) Maria Lúcia, **Lucinha**, nascida em 24 de novembro de 1939. Enfermeira diplomada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Professora da **Escola de Enfermagem de Natal**. Casou-se em 24 de novembro de 1956 com o cearamiriense Hélio Varela de Albuquerque, eng. civil e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com filhos; b) Maria das Graças, **Gracinha**, nascida em 22 de julho de 1948. Bacharela em Letras e professora licenciada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Casou-se em 25 de dezembro de 1965 com o mossoroense Luís Célio Soares, Notário Público em Ceará-Mirim, advogado e funcionário da Secretaria da Justiça como Coordenador das Penitenciárias do Estado, com filhos; c) Maria Eloísa, nascida em 22 de maio de 1944, advogada, casou-se aos 11 de janeiro de 1963 com Ricardo da Fonseca Varela, advogado, natural do Ceará-Mirim, com filhos; d) Maria Alice, **Licinha**, nascida em 14 de dezembro de 1954, casou-se com Arnaldo Mendes, mecânico, no dia 1.º de dezembro de 1973. Em virtude do casamento não pôde concluir seus estudos, passando a morar na Capital do Estado do Acre, onde exerce funções de Gerente na empresa nacional **Ford, Kapital Máquinas e Veículos Ltda.** Com filhos; e) Gilberto, nascido em 10 de abril de 1941, casado com Maria da Conceição, com filhos; f) José, nascido em 24 de novembro de 1945, desquitado de Vânia e casado com Daíres, com filhos de ambos os consórcios; g) Luís Antônio, **Tota**, nascido em 21 de setembro de 1950, casado com Ingrid, com filhos.

Os varões, **Irmãos Brandão**, dirigem com inteligência e responsabilidade a empresa Transpotiguar de Turismo, da qual são seus proprietários, com influência no Norte, Centro e Sul do país.

Minha irmã Margarida é pintora (óleo), já fez exposições de quadros e o seu estilo pictórico vem agradando a todos, nos meios artísticos de Natal.

Quanto a minha mãe, Alice Cid de Oliveira, ela faleceu à Rua São Tomé em 5 de maio de 1922. Está sepultada no Cemitério Público do Alecrim, em Natal.[3]

7. **Flora Cid.** Nasceu em Taipu, no dia 30 de abril de 1902. Na intimidade dos sobrinhos maternos, **Foinha**. Alva, rosto oval, d'olhos azuis e cabelos loiros. Casou-se com o cunhado Antônio Alves de Oliveira em 1924. Moravam em Natal, na Rua Nova, atual Avenida Rio Branco, numa casa fazendo esquina com a Rua Jerônimo de Albuquerque, hoje Rua Professor Zuza, apelido de José Emerenciano, falecido em 1922. A casa ainda existe mas está transformada em farmácia, fechadas as portas e janelas do oitão a tijolos, com modificação na fachada.

Minha saudosa madrasta morreu ali, em 25 de maio de 1925, em conseqüência do parto de **Alice**, que não sobreviveu.

Com o seu desaparecimento dividiu-se a família: Maria Julita Furtado adotou Margarida de modo definitivo e, por alguns anos, também a Glauco e Garibaldi; ficou Maria da Conceição na companhia de Maria Cândida Furtado, e eu, finalmente, com Nazareth e Júlia, **Yayá**, minhas tias paternas.

Lembro-me, perfeitamente, do último momento de vida de minha madrasta, e também da visita que fiz, na companhia de minhas tias Nazareth e Júlia ao seu túmulo, após a missa de **sétimo dia**, localizado à direita de quem entra no Cemitério do Alecrim. Enquanto elas plantavam roseiras e espalhavam flores eu fitava os altos "chorões" com suas ramagens trêmulas, soluçantes, emprestando ao ambiente profunda tristeza.

Afinal, o que estaria reservado para mim, órfão de mãe quando ainda nem ensaiava os primeiros passos?

NOTAS

1. CÂMARA CASCUDO, Luís da. **O Livro das Velhas Figuras.** V. 3, Natal, 1976. No **Treslado do Auto E mais Deligencias que se fizerão Sobre as datas de terras da capitania do Ryo grande, que se tinhão dado,** Olinda, 28 de maio de 1614, há o registro de uma "data" de sesmaria concedida a **Antônio Villela Cid** na várzea do rio Trairi:

   "A data cento e oitenta deu o Capitão-mor Francisco Caldeira de Castelo Branco a Antônio Vilela, em dez de outubro de seiscentos e treze. É meia légua de terra em quadra na testada do padre vigário, na várzea de tamaire. É terra para gado e roças. Não fez ainda benfeitoria."

2. Sobre o Cel. Felismino Dantas, consulte-se o livro de Hélio Dantas, **José Pacheco Dantas.** Centenário, (1878-1978) de nascimento. Natal, 1978.

3. Conta-se que Antônio Alves encarregara o Sr. Pelinca, amigo da família, de comprar o caixão. O dono da casa mortuária, Sr. Leandro, atendeu-o e, indagado do preço não pestanejou: **"Quatrocentos mil réis."** Pelinca assustou-se: **"É muito caro, sr. Leandro!"** O outro não se alterou e disse: **"Está bem, não se discute: deixo por trezentos para ficarmos fregueses."** Está com a razão Agrippino Grieco: **ao contrário dos humoristas profissionais, todos os fabricantes de caixões de defuntos são criaturas de bom humor.**

ANEXOS

1. A respeito da reforma do Cel. Hermenegildo, o periódico **Jornal do Ceará** com intuito de espicaçar as folhas **A Constituição** e **Pedro II**, do Partido Conservador, e premiar moralmente a Mendonça Caminha por sua lealdade ao situacionismo em Quixeramobim, havia feito tremenda campanha contra o mesmo Hermenegildo. A reforma, afinal de contas, originara-se de um incidente de somenos importância, em torno do recrutamento de dois indivíduos destinados a servirem no teatro da Guerra do Paraguai. Publicou o **Jornal do Ceará**, de 4 de janeiro de 1868:

> "SERVIÇO DE GUERRA: Pelo tenente-coronel comandante do batalhão da guarda nacional de Quixeramobim foram remetidos como designados para o serviço de guerra, José de Castro e Silva, e Franklin Silvano de Lima, sogro e genro, casados ambos, os quais foram imediatamente excusos pelo Exm.º presidente da província, o primeiro porque era evidentemente um homem cuja idade orçava por 50 anos, e o segundo, porque dele diz o Sr. tenente-coronel Hermenegildo em suas informações à presidência — que é casado, tem filho, e vive com a mulher, mas, segundo a informação do comandante da companhia a que pertence, é mau homem."

Ninguém conhece o texto da carta de Hermenegildo, mas, o fato é que a 28 de abril o **Jornal do Ceará** publicava:

> "NOMEAÇÕES: Foi nomeado tenente-coronel comandante do batalhão da infantaria n.º 14 de Quixeramobim o capitão Raimundo de Mendonça Caminha. Felicitamos o nosso distinto amigo pela prova de confiança do governo imperial à sua pessoa."

"REFORMA: Foi reformado o tenente-coronel Hermenegildo Furtado de Mendonça e Meneses, de Quixeramobim."

Consoante um articulista de **A Constituição**, Hermenegildo foi alijado do Comando apenas porque era homem muito rico e ilustrado. De qualquer modo, o erro do ex-Presidente Pedro Leão Veloso foi reparado pelo Ato de 5 de dezembro de 1838 nomeando Hermenegildo para o posto de Coronel-Comandante de Quixeramobim, Jaguaribe-Mirim e Boa Viagem.

Pelo que ouvi da boca do sobrinho-bisneto Woodrown Benício, de Quixeramobim, o Cel. Hermenegildo, homem de coração largo, costumava proteger a rapazes recrutáveis para o serviço de guerra no Paraguai, em atenção aos rogos dos pais, mandando-os trabalhar no seu açude em construção. Terminada a guerra, eles diziam, olhando a água tranqüila do reservatório: "Foi aqui que nos salvamos!" Por causa desse episódio o açude ficou batizado de **Salva Vidas**, nome que ainda permanece.

2. TESTAMENTO de Teresa Cândida de Meneses:

"Jesus, Maria José. Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo em cuja fé firmemente tenho vivido e pretendo morrer. Êste é o meu testamento e ato de última vontade.

Sou natural da Paróquia de Nossa Senhora do Riacho do Sangue, desta província, filha legítima do Major José Bezerra de Meneses e Ana Bezerra de Meneses e jamais tivemos filhos. Tenho tido em minha companhia e criado desde o berço a duas meninas minhas afilhadas, uma, filha de minha irmã Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco, casada com o Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, outra de minha outra irmã já finada Henriqueta Angélica do Patrocínio, casada que foi com o capitão Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Meneses, a primeira de nome Teresa, e a outra Maria, e além destas tenho tido em minha companhia velando sobre sua educação na esfera de minhas forças aos meus sobrinhos filhos da mesma Henriqueta desde que se finou e também uma menina de nome Maria Rosa de Lima, sem pais conhecidos, e aos quais todos devo o meu coração e afeto materno. E assim sendo me pareceu que não tendo filhos não podia deixar a outros, que a

estes os poucos bens, que me restam mesquinhos sobejos da medonha calamidade, que tanto nos oprimiu, e somente lhes peço, se algum direito me fica ao seu reconhecimento que continuem a distinguir-se por uma excelente conduta religiosa e moral. Falecendo aqui em Baturité, onde resido, de presente, desejo ser sepultada com a simplicidade cristã, sem pompa ou vaidade, e que se celebrem missas de corpo presente, celebrando-se ainda, em sufrágio de minha alma, duas capelas de missas, que serão ditas pelos sacerdotes amigos da família. Deixo a minha irmã Maria Alexandrina casada com o Dr. Antônio Benício a metade que tenho no sítio em que ela mora denominado **Putiú** e todos os seus pertences, casa de vivenda, e de máquinas de vapor e engenho, caldeiras, benfeitorias e utensílios, canaviais, os pomares, servidões ativas do mo porque as (ilegível); e assim também uma parte no mesmo sítio herdada de minha mãe, de saudosa memória, e que está em litígio, ou o seu equivalente valor, caso não proceda a partilha a que aqui aludo. E assim também lhe deixo o sítio que foi do Capitão José Januário Bezerra de Albuquerque, sítio em Pedra Branca, com meia légua de terras, demarcadas, casas de vivenda e máquinas de descaroçar algodão, açude e mais pertences e benfeitorias. Deixo-lhes mais a metade do gado de toda espécie, que crio em minha fazenda **Salva Vidas**, sendo a outra metade com a igualdade possível para minhas sobrinhas, filhas do mesma Maria Alexandrina, e as de minha irmã Henriqueta, e deixo-lhes sob condição, que falecendo antes de mim estes legatários lhe substituirão seus legítimos herdeiros. Deixo à minha muito amada sobrinha e afilhada e filha de criação Teresa, filha da mesma Maria Alexandrina, como sinal de lembrança, a casa que habitei largos anos em Quixeramobim; junto as casas de sobrado lhe doei e assim também as frentes de tijolos, anexos, e também lhe deixo o sítio denominado **Serrote dos Bois**, compreendendo todas as partes da data de terras chamadas **Canhotinho**, menos as que compõem o sítio **Salva Vidas**, e que confrontarem, por isto, com a terrinha que temos no Logradouro, anexa pela estrada que vai da cidade de Quixeramobim à fazenda Muchuré até o final de minhas terras; ficando as do poente da mesma estrada

constituindo o sítio **Salva Vidas** e as do nascente do sítio **Serrote dos Bois**, com as respectivas casas, cercados, açudes, e mais benfeitorias, com direito a servidão d'água do sítio **Salva Vidas**, que a tem mais permanente. Deixo à minha muito amada sobrinha Maria do Patrocínio, filha de Henriqueta, o meu sítio denominado **Salva Vidas** com as suas benfeitorias e pertences, sujeito a dar servidão d'água ao sítio **Serrote dos Bois**, conformando voto do meu marido, e rendendo-lhe desta forma uma terna homenagem, além dos merecimentos da legatária. Deixo as sortes de terras e benfeitorias que tenho no sítio **Milagres** e havidos por compra aos herdeiros de José Delgado e, juntamente, a terrinha anexa ao Logradouro, às minhas sobrinhas Francisca e Maria Cristina, filhas do Dr. Antônio Benício. Deixo à irmã destas de nome Ana as sortes de terras, havidas por compra, a Francisco de tal e outras, conhecidas por **Pindobas**, e anexas ao sítio **Salva Vidas** e chamadas **Macambira**. Deixo à Matilde Alice, minha boa sobrinha, filha do Dr. Antônio Benício a minha casa da rua do Cotovêlo, em Quixeramobim, que foi do Capitão Antero e outros. Deixo as minhas terras e benfeitorias do Oratório freguesia de Quixeramobim à minha amada sobrinha Adelaide, e benfeitorias. Deixo ainda às minhas sobrinhas afins as filhas do Dr. Antônio Benício, como as do Capitão Vasco, e também à Maria Rosa de Lima e Francisca Elvira as minhas terras do Fonseca, freguesia de Quixadá, que foram de Miguel Cândido de Queiroz e que se acham hipotecadas ao casal, sendo um quarto de légua de extensão, com fundos respectivos, por pertencer o outro quarto aos herdeiros de meu finado marido e as benfeitorias nelas existentes por metade, visto já terem ali as ditas minhas sobrinhas uma pequena criação de gados, que lhes doei. Deixo à minha sobrinha e afilhada Maria Auta as minhas terras chamadas **Sítio** ou **Paraíso**, data do **Riacho da Porta**, freguesia do Riacho do Sangue e as respectivas benfeitorias. Deixo a terra chamada **Forquilha**, freguesia de Inhamuns, com uma légua de extensão e outra de fundo, que houve do Capitão José Januário Bezerra e suas benfeitorias, à minha sobrinha Maria Alexandrina Bezerra, filha do Dr. Antônio Benício. Deixo a metade do sítio em que moro, chamado **Lages**, casas e mais

benfeitorias à minha afilhada Maria Rosa de Lima, sinal de lembrança, caso faleça antes de mim será devolvida a meus herdeiros aqui instituídos. Deixo as terras de Timbaúba, que couberam na última partilha dos bens de minha mãe de saudosa memória, no Riacho do Sangue à minha sobrinha Matilde Alice, em sua falta lhe será suprida por valor equivalente. Deixo aos meus sobrinhos, filhos do finado Vasco, a parte que tenho na casa grande que foi do Capitão Farias Lemos na cidade do Quixeramobim, e aos outros meus sobrinhos filhos do Dr. Antônio Benício a parte que tenho nas casas sitas na Rua Pau d'Arco desta cidade de Baturité, e do fundo do sítio, em que mora atualmente, e mais as terras chamadas da **Oiticica, Gitirana** ou **Umari**. Instituo por herdeiras de remanescentes dos meus bens e direitos e ações as minhas amadas sobrinhas Teresa Cândida Bezerra Castelo Branco e Maria do Patrocínio Bezerra Furtado de Meneses, aquela filha do Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, e esta do finado Capitão Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Meneses, testemunho da afetuosa estima, que lhes consagro. Nomeio por meus testamenteiros, a quem apelo a bondade de darem cumprimento a estas minhas disposições de última vontade; em primeiro lugar ao meu cunhado Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, em segundo ao seu filho do mesmo nome; e em derradeiro lugar a meu sobrinho Antônio Furtado Bezerra de Menezes.

Sinto prazer em confessar-me grata à delicadeza e bondade com que sempre me trataram as minhas irmãs e sobrinhas com que tenho convivido desde minha triste viuvez, e por quem faço os mais ardentes votos de felicidade.

Esta é a minha última voltade e disposição para depois de minha morte; e por êste testamento revogo a qualquer retro.

Bat.º 26 de Abr.º de 1883

Teresa Cândida Furtado de Meneses"

Teresa faleceu em conseqüência de congestão cerebral: discutira à hora do almoço com alguns parentes a propósito de heranças de terras, contrariando-se profundamente.

INVENTÁRIO DE SEU ESPOSO CEL. HERMENEGILDO FURTADO

3. TÍTULO DE HERDEIROS

Inventariante, viúva, cabeça de casal-herdeira: D. Teresa Cândida Furtado Meneses.

Herdeiros irmãos:

1 — Tenente-coronel José Furtado de Mendonça e Meneses, casado e morador no termo de Ceará-Mirim, da província do Rio Grande do Norte.

2 — Maria Inácia do Coração de Jesus, solteira, de maior e moradora no termo de Ceará-Mirim, da mesma província.

3 — Job Furtado de Mendonça e Meneses, casado, e morador no Trairi da província do Rio Grande do Norte.

4 — Ivo Furtado de Mendonça e Meneses, casado, e morador no Trairi da província do Rio Grande do Norte.

5 — Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, casado e morador na cidade de Baturité.

6 — Elpídio Furtado de Mendonça e Meneses, casado, e morador no termo de Ceará-Mirim.

7 — Luduvina Ferreira Cavalcante, casada com Matias Marinho de Carvalho e morador no Ceará-Mirim.

8 — Capitão Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Meneses, falecido, e deixando filhos.

9 — Ana Angélica Furtado de Carvalho, falecida, deixando filhos.

10 — Cândida Isabel Furtado, falecida, deixando filhos.

Sobrinhos filhos do falecido Vasco Furtado de Mendonça e Meneses:

1 — José, solteiro, de idade de 14 anos.
2 — Antônio, solteiro, de idade de 9 anos.
3 — Maria do Patrocínio, de idade de 9 anos.
4 — Maria de 6 anos.

Sobrinhos filhos da falecida Ana Angélica Furtado:

1 — Antônio Marinho de Carvalho, viúvo, morador no termo de Ceará-Mirim.

2 — Isabel de Tal, cujo nome do marido ignora, moradora no Ceará-Mirim.

3 — Joaquina de Tal, casada, e ignora o nome do marido e também a sua morada.

4 — Ana Angélica, casada com Acúrcio Furtado de Mendonça e Meneses, moradora em Ceará-Mirim.

Sobrinhos filhos da falecida Cândida Isabel Furtado:

1 — Isabel de Tal, esta falecida, e deixou uma filha, a seguinte: Maria, com idade de dois anos, é filha de Antônio Marinho de Carvalho, sendo que Isabel faleceu no dia 22 de julho de 1873.

2 — Teresa Cândida, ignora se casada ou solteira, e moradora no Ceará-Mirim.

3 — Cândido Furtado de Queiroz, solteiro, de maior, morador no Ceará-Mirim.

Cálculo:

Monte Total	Rs: 216.407$400
Meiação da Viúva	108.203$700
Fica de legítima aos herdeiros	108.203$700

Décima:

Décima de 10% sobre a legítima dos

herdeiros	10.820$370
Taxas de 5% adicionais	541$018
Rs	11.361$388
Fica	96.842$322

o contador **Guimarães Carrera** (*)

(*) Documento do Arquivo do escritor Fernando Câmara.